

**Call para a apresentação de comunicações e/ou posters no
IX Congresso Português de Sociologia
*PORTUGAL, TERRITÓRIO DE TERRITÓRIOS***

Universidade do Algarve, 6 a 8 de Julho de 2016

Secção Temática *Sociologia do Desporto*



Coordenadores:

João Sedas Nunes (FCSH-UNL)
Daniel Seabra (UFP)
Salomé Marivoet (UC/ULusof)

A Secção Temática de Sociologia do Desporto da APS constitui-se em 1996, visando desde aí actuar como catalisador da produção sociológica portuguesa sobre desporto promovendo a sua divulgação/circulação quer “dentro de portas” quer internacionalmente, designadamente através de redes transnacionais com as quais, desde a origem, procurou articular-se.

Os últimos 40 anos testemunharam processos de mercadorização desportiva nunca antes observados (com a subsunção das instituições desportivas mais “universais” como os Jogos Olímpicos ou o Mundial de Futebol na lógica do mercado), mas também uma crescente abrangência da gramática desportiva. Nas suas inúmeras variações semânticas, o desporto, hoje, não se cinge às definições de práticas desportivas objecto de reconhecimento e controle institucional. A esta “flexibilização” da definição social do desporto não foi alheia a aspiração a um afrouxamento dos controles burocráticos sobre ele exercidos e à procura por muitos praticantes desportivos de formas de organização menos formais, que esses praticantes não enjeitam reenviar a “desportos livres.”

Mais, podemos afirmar que o desporto penetra hoje metafórica e efectivamente inúmeros sectores da vida social, do político, em que o referente desportivo é amiúde utilizado, passando pelo empresarial – aí à conta dos ideais competitivos, em jogo de espelhos –, pelas imagens publicitárias, às relações pessoais, e da vida quotidiana (modos de vida, bem-estar, alimentação, vestuário, férias, etc.). Uma das características do nosso tempo será, aliás, uma difusa injunção moral para que todos se tornem sujeitos que se manifestam e relacionam desportivamente. E de duas formas.

Por um lado, trata-se de uma espécie de prescrição que incita a ser desportivo. Os inquéritos de opinião mostram bem essa força de incitação: mesmo quando as pessoas não praticam desporto, muitas vezes lamentam-no (“devia praticar, eu sei”).

Por outro lado, a competição desportiva, com os seus critérios e provas de hierarquias e desigualdades justamente estabelecidas através de competições reguladas, tornou-se ela mesma num modelo (idealizado) de sociedade; mas também um repertório de objectos para produzir e aferir a validade de críticas, denúncias e libelos legítimos – seja pelo excesso de poder das autoridades desportivas sobre os jovens competidores ou dos normativos desportivos que regulam as relações laborais nas organizações desportivas, seja pelo recurso cego e sistemático a quaisquer meios para assegurar a vitória na competição desportiva (denúncia de corrupção, de

doping, etc.), seja pela tendência do desporto para funcionar como grupo de pressão e se apropriar de vultosos recursos públicos, desse modo desviados “donde fazem mais falta.”

Esta espécie de força lógica e moral desportiva, feita texto e pretexto das mais variadas ordens materiais e simbólicas, leva-nos a considerar o desporto muito além das fronteiras das definições que, nas modelizações oficiais, a instituição desportiva nos propõe.

Contamos então com todos os contributos que reforcem o conhecimento científico sobre os recortes que, em especial no caso da sociedade portuguesa, as relações desportivas em sentido lato – o sentido que parte dos próprios praticantes desportivos emprestam ao termo - vêm revestindo. Eles serão certamente importantes não apenas para as restituir como para aprofundar o conhecimento que possuímos das sociedades actuais.

As regras e prazos a considerar para a submissão dos resumos, assim como mais informações sobre o IX Congresso Português de Sociologia podem ser consultados no *site* da APS em <http://www.aps.pt/>.